

## PERFORMATIVIDADE E ENUNCIÇÃO: DA SIGNIFICAÇÃO AO SENTIDO

---

*Ingrid Porto de Figueiredo*

Psicanalista em formação pela Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (FCL). Membro do FCL de São Paulo. Doutoranda em Psicologia Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

E-mail: ifigueiredoventura@gmail.com

**Resumo:** Este artigo articula as noções de *performatividade*, *enunicação* e *sofística*, a partir da discussão empreendida em minha pesquisa de doutorado, que interroga o processo fundacionista da ciência, sustentado pelo princípio de não contradição aristotélico e suas relações com os conceitos de saber, verdade e gozo em psicanálise, considerando a possibilidade de transpor o muro de linguagem a partir do princípio da inexistência da relação sexual. Este princípio permite questionar o valor de verdade de uma significação ao suspender o sentido a partir do equívoco ab-senso, introduzindo uma barreira, a do gozo, que torna o acesso à verdade possível apenas por um semi-dizer. Essa possibilidade parece ter relação com *lalíngua*, proposta por Lacan, onde a função sonora tem prevalência sobre a função referencial, colocando em jogo a letra e a suspensão do sentido, de modo a permitir a invenção de um significante novo pelo ser falante.

**Palavras-chave:** performatividade; enunicação; sofística; significação; sentido.

**Abstract:** This article relates the notions of *performativity*, *enunciation*, and *sophistry*, starting from the discussion undertaken in my doctoral research, which inquires the foundational process of science, supported by the Aristotelian principle of non-contradiction and its relations to the concepts of knowledge, truth, and enjoyment in psychoanalysis, considering the possibility of breaking through the wall of language by means of the principle of inexistence of sexual intercourse. This principle allows us to ask about the truth value of some signification by suspending meaning through the ab-sense misunderstanding, introducing a barrier, i.e. enjoyment, which makes access to the truth possible only through half-telling. This possibility seems to be related to *lalangue*, proposed by Lacan, where the sound function prevails over the referential function, putting into practice the letter and the

suspension of meaning, in order to enable the invention of a new signifier by the speaker.

**Keywords:** performativity; enunciation; sophistry; signification; meaning.

Este artigo empreende uma articulação entre as posições de Judith Butler e Jacques Lacan, que apontam a ontologia como efeito de discurso e sustentam, respectivamente, as noções de performatividade e enunciação, de modo a situar uma crítica que interroga a noção de ser. Assim, relacionam-se essas três noções como estabelecidas a partir da interrogação sobre os limites e as relações de força dentro da produção discursiva e, de início, será analisada a noção de performatividade em Butler.

### **Performatividade: desconstruindo o binarismo sexual**

Butler (1990/2003) apresenta uma crítica ao binarismo na identidade sexual, fundada sobre o princípio de não contradição aristotélico, pois a partir do momento em que esta é criada – ou é criada a categoria “mulheres” – já se exclui a variabilidade. Além disso, essas identidades são constituídas e sustentadas por sistemas jurídicos que representam alguns sujeitos e que, concomitantemente, excluem outros.

A discussão da autora está relacionada à noção de poder em sua relação com jogos de verdade e, a partir dessa interrogação, ela sustenta que é possível que o sujeito se emancipe e crie novas ontologias (BUTLER, 1990/2003). O “há” que a autora utiliza é tomado de Heidegger a partir de sua substituição do “ser” pelo “*dasein*”, ou seja, pelo “dar-se”; assim, há coisas que “se dão”, o que não significa que não se possa dar outro sentido para elas. Esse “dado” também pode ser desconstruído.

Desse modo, a crítica de Butler (ibid.) é a de que não há categoria possível porque não existe uma identidade *a priori*. A construção de uma identidade de gênero e de uma noção de sexo baseia-se em uma matriz heterossexual e pensar o sexo como pré-discursivo é manter uma estrutura de poder binária com uma sintomatização da identidade de gênero.

Nessa discussão, a autora dialoga com Irigaray (1985 apud Butler, 1990/2003), para quem o sexo feminino não tem representação possível, porque está fora da linguagem, noção muito semelhante à proposta por Lacan, no período de seu ensino durante os anos 1970, quanto ao feminino e à mulher. No entanto, Butler (ibid.) tece uma crítica à autora, afirmando que esta sustenta uma posição que recai em uma substancialização do gênero feminino.

Butler (1993/2010) defende que haveria gêneros não inteligíveis a partir da noção de *abjeto*. Essa noção aponta a existência de corpos excluídos em detrimento de outros legitimados. Assim, desde sempre, os discursos sobre gênero são *performativos*; uma performatividade que se transveste de uma estratégia transsubstancialista. Além disso, a autora propõe uma espécie de paródia dos gêneros, denotando que não há um gênero original, isto é, um mito de criação ou um mito de origem dos sexos. Dessa forma, desconstrói a ideia de originalidade, demonstrando que a palavra se mascara de realidade, tendo a paródia uma função de crítica ou de estranhamento, diferentemente da tragédia com sua função catártica.

Assim, a partir de sua crítica ao binarismo sexual, a autora sustenta a noção de *performatividade*, como um ato no interior da linguagem, principalmente em relação à construção da teoria dos gêneros. No entanto, apesar de a noção de performatividade trazer uma discussão interessante acerca das relações de força e poder no interior da linguagem, mais especificamente dentro do recorte ao qual ela se propõe, o da sexualidade, ela desconsidera o real do sexo, que é articulado por Lacan na última fase de seu ensino, de modo que se pode afirmar que o diálogo de Butler com Lacan ocorreu referenciado ao simbólico e ao real na teoria da significação do falo, a qual foi proposta na primeira fase do ensino lacaniano, nos anos 1950, quando ele ainda não havia construído as fórmulas da sexuação, onde abordou a dimensão real do sexual a partir do Outro gozo.

A partir disso, proponho-me a empreender uma discussão entre ambos, Butler e Lacan, e a recorrer a Barbara Cassin, autora que desconstrói a ontologia linguística a partir da sofística, que, a meu ver, possibilita um profícuo diálogo e maior aproximação à psicanálise lacaniana, com sua noção de enunciação e com as fórmulas da sexuação.

### **Enunciação: da significação do falo ao sentido**

Lacan (1958a/1998), afirma que o complexo de castração tem uma função de nó, pois determina a estrutura do sujeito, que pode ser neurótica, psicótica ou perversa como resposta ante à castração. Além disso, situa o sujeito em uma posição inconsciente, de modo a se identificar com o tipo ideal de seu sexo e a responder às necessidades de seu parceiro na relação sexual.

Essa estruturação ocorre a partir da relação do sujeito com o falo, que acontece desconsiderando a diferença anatômica sexual e que remete muito mais a uma

interpretação, que na mulher advém de maneira intrincada. Primeiro, porque a menina se considera castrada; segundo, porque a mãe, em um primeiro momento, é considerada detentora do falo; terceiro, porque a significação da castração só se manifesta na formação de sintomas, quando se descobre que a mãe também é castrada; e quarto, esses pontos se encontram na fase fálica da mulher, o que leva a equívocos por parte de alguns autores, como Ernest Jones, que consideram a fase fálica um efeito do recalque e a função do objeto fálico um sintoma.

Lacan (1958a/1998) restabelece a discussão dizendo que a questão do falo deve se referir à linguagem, introduzindo a noção de significante como oposta à de significado, lançando mão da linguística, o que ainda não estava ao alcance de Freud em sua época.

Trata-se de identificar as leis da linguagem que operam no inconsciente, a partir da metáfora e da metonímia que produzem o significado, havendo um jogo de combinação e de substituição significante que determinam o sujeito e o sintoma. Essa relação é referida ao Outro, que é de onde o sujeito recolhe os significantes que irão determiná-lo, ou como Lacan coloca, como um “lugar evocado pelo recurso à palavra” (ibid., p. 696), que se constitui a partir de uma fenda, *Spaltung* (divisão), do sujeito em uma articulação lógica no tempo.

Assim, o falo pode ser referido a partir de uma função, a função fálica. O falo, desde Freud, não é uma fantasia, um objeto – parcial, bom, mau, entre outros –, ou a simbolização do órgão – pênis ou clitóris, não sendo por acaso a associação que ele empreende do falo com o simulacro na Antiguidade. O falo, a partir das elaborações lacanianas possibilitadas pelo acesso à linguística, pode ser considerado um significante com a função de *desvelamento*, pois ele designa os efeitos de significado determinados pela presença do significante.

A presença do significante promove uma saída do registro da necessidade, ainda que as necessidades estejam sujeitas à demanda, esta que não se refere à satisfação da necessidade, pois é sempre demanda de uma presença ou de uma ausência, referida ao Outro, ou demanda de amor, isto é, daquilo que o Outro não tem, havendo um retorno da demanda sob a forma invertida e alienada. Desse modo, essa presença fixa o desejo, que não se constitui nem como vontade de satisfação nem como demanda de amor, mas sim como resultado da subtração entre necessidade e demanda, o que terá influência sobre a relação sexual, de modo a situar o parceiro sexual como causa de desejo.

Dessa forma, situa a relação sexual a partir da articulação entre o falo e o desejo, onde o *logos* se conjuga com o advento do desejo, isto é, com a entrada da palavra, do significante, o qual também é transmitido de geração em geração. Assim, pode-se apreender o que há de simbólico na relação sexual. Aqui, Lacan, também parece já estar indicando que há algo de real nessa relação, ao sustentar que a cópula, no sentido lógico, não é possível e justamente por haver essa impossibilidade lógica é que haveria o ato sexual.

Por essa ação do significante fálico, que tem a função de suspensão como falta, que a significação se fixa, denotando a divisão do sujeito que funda o desejo, ou ainda, como bem coloca Lacan (ibid., p. 700), “o falo como significante dá a razão do desejo”. Desejo que é desejo do Outro, inserindo o sujeito na dialética do ser e do ter o falo, pois se o desejo da mãe é o falo, a criança se posiciona, sendo-o. No entanto, o sujeito, encontrando-se com a impossibilidade de ser o falo em sua demanda de amor a partir da apreensão de que ele não o tem, em se tratando de um significante, a partir de sua divisão com a lei introduzida pelo pai, entra na questão do falta-a-ter. A partir desse ponto, e para além dele, substitui-se o ter pelo parecer, para mascarar a falta pela via da comédia, reduzindo o desejo à demanda.

Assim, a sexualidade de homens e mulheres está referida à função fálica e à linguagem pela marca do desejo e pela função da mascarada, trazendo a afirmação de Freud de que existe apenas uma libido, a masculina, mas no sentido da “atividade” e da significação fálica, e não de um binarismo sexual, situando a função do significante fálico, tal como os antigos o situavam, ou seja, como o *Nous* e o *Logos*, o pensamento e a razão.

No entanto, em outro momento de seu ensino, Lacan irá reformular a posição sexual como uma eleição inconsciente a partir da divisão do sujeito e da castração, de modo a estabelecê-la como arrolada ao muro de linguagem a partir do princípio da inexistência da relação sexual, articulando as noções de saber, verdade e gozo (cf. VENTURA, no prelo).

O autor, em 1971 e 1972, ministrou uma série de palestras na Capela do Hospital de Sainte-Anne, as quais intitulou “O saber do psicanalista”, e que foi lançada pela Éditions Seuil, separadamente, como *Je parle aux murs* – traduzido para o português como *Estou falando com as paredes* (LACAN, 1971-1972/2011) – e como *Séminaire 19... ou pire* – em português, *Seminário 19... ou pior* (LACAN, 1971-1972/2012).

Essas palestras foram inspiradas por toda a discussão levantada pelas formulações de Georges Bataille acerca do não saber. Lacan articula saber, verdade e gozo e sua formulação traz a verdade como o não saber.

O autor afirma, ainda, que sua intenção inicial de falar no Anfiteatro Magnan falhou, o que o levou a ministrar seu seminário na Capela do Sainte-Anne para psiquiatras e não psiquiatras. Nessa ocasião, indaga sobre a incompreensão de seu ensino e se está mesmo falando para alguém e conclui que fala aos muros, mas que o muro faz repercutir alguma coisa, pois sua fala, certamente, interessaria a alguém, além de lhe devolver sua própria voz, a qual deve estar afinada ao ser dirigida aos muros. E, a partir dessa elaboração, Lacan diz que no muro encontra-se a *linguagem*.

Com tal formulação, ele acrescenta que, no muro, tem-se a presença dos discursos, fazendo referência aos quatro termos:  $S_1$  (significante-mestre),  $S_2$  (saber),  $\$$  (sujeito barrado) e *objeto a*, situando o sujeito como suposto a partir do significante como senhor do jogo. E, para além desse muro, há a possibilidade de construir um sentido referente à verdade, o semblante, o gozo e o mais-de-gozar, fazendo referência aos lugares na escrita dos discursos. Ressalta, ainda, que o muro (*mur*) sempre pode servir de *muroir*, a partir de um neologismo que constrói com *miroir* (espelho) e *mur* (muro). Nesse momento, recorre a um poema de Antoine Tudal (apud LACAN, 1958b/1998, p. 290):

*Entre o homem e a mulher*

*Há o amor.*

*Entre o homem e o amor*

*Há um mundo.*

*Entre o homem e o mundo*

*Há um muro.*

A partir desse trecho, Lacan assegura que o amor que há entre o homem e a mulher remete à “atração”, já o mundo existente entre o homem e o amor remete à “flutuação”. A referência ao muro que está entre o homem e o mundo traz a ideia do *entre*, de uma interposição. Retomando o amor que está entre o homem e a mulher, ele o situa em um tubo que se revira sobre si, fazendo referência às figuras topológicas da garrafa de Klein e da banda de Moebius, de modo que situa o homem do lado direito desse tubo e a mulher do lado esquerdo. E continua sua formulação retomando que o mundo que há entre o homem e o amor seria o próprio mundo no sentido bíblico,

um conhecimento que abarcaria tanto o lado demarcado como o do homem quanto o da mulher. Além disso, recupera o muro existente entre o homem e o mundo como o reviramento na junção entre a verdade e o saber e como o lugar da castração, levando o saber a manter o campo da verdade como inalterado.

O amor, por sua vez, tem relação com o muro proposto. Acrescenta que não se pode falar de amor, mas que se pode escrever sobre ele. Nessa escrita, teríamos a carta de (a)muro, o que significa que entre o homem e o muro há a carta de amor. Como já disse no *Seminário sobre a carta roubada* (LACAN, 1956/1998), esta sempre chega ao seu destino: geralmente tarde demais; raras vezes chega a tempo. Desse modo, parece que, para além do amor na relação entre o homem e a mulher, tem-se a carta/letra de amor (em francês, *lettre*, tanto significa carta como letra, remetendo às formulações do autor acerca da letra como aquilo que bordeja o furo do real), ou seja, para além da própria castração, do gozo, o que pode ser demonstrado pela lógica.

E como se pode pensar na possibilidade de uma escrita que remeta à carta/letra de amor que considere a castração? Essa via seria possível pela tentativa de transpor o muro da linguagem, muro no qual parece termos a significação fálica – imposta pelo significante fálico – imposta pela linguagem, onde se articula um valor de verdade que opera pelo princípio de não contradição aristotélico? Para tanto, deve-se analisar o estatuto do dito e do dizer na passagem do princípio de não contradição aristotélico ao princípio da inexistência da relação sexual.

Lacan (1969-1970/1992), ao articular saber e verdade no Seminário 17, diz que a verdade só pode ser acessada por um semi-dizer. Essa formulação se aproxima de *O aturdido* (LACAN, 1972/2003), onde o autor dá um passo a mais, propondo a psicanálise como aturdimiento e o princípio da inexistência da relação sexual em contraposição ao princípio de não contradição de Aristóteles, uma lei do real, onde o dizer no princípio “não há relação sexual” equivoca, suspendendo o sentido e produzindo um equívoco ab-senso na linguagem, colocando em tensão o valor de verdade. Desse modo, coloca o sujeito da enunciação como submetido ao princípio da inexistência da relação sexual, considerando também as formulações da lógica não toda que será construída nesse período de seu ensino. Partindo desse ponto, é possível empreender um diálogo com Cassin (2013), que, ao discutir *O aturdido*, aproxima o princípio da inexistência da relação sexual com a sofisticada, questionando a primazia do princípio de não contradição, no qual se sustenta que uma proposição só pode ser verdadeira ou falsa, impondo uma significação fálica ou referência absoluta e inquestionável.

Para Cassin (2013), filóloga e filósofa francesa, pode-se falar somente pelo prazer de falar. Essa afirmação contraria o princípio de não contradição e acentua que o sujeito pode ou não estar implicado no discurso que pronuncia. A filosofia aristotélica promoveu o ato de expulsão dos sofistas com o advento de tal princípio. Na sofística, para Cassin (2005), o dizer e o dito gozavam do mesmo valor, pois havia um discurso performativo implicado na base do sujeito. A performance seria a medida do verdadeiro, o que se aproxima da noção de performatividade de Butler, que considera as relações de força e de poder na produção da verdade em um discurso.

Para considerar tal discussão e sua articulação com o saber, a verdade e o gozo e sua relação com a linguagem, pode-se recorrer à afirmação de Lacan (1971-1972/2011) de que se situava na posição de analisando quando pronunciava seu ensino, destacando que sua fala, nessa ocasião, era distinta de seu discurso, aproximando-a da fala dos sofistas, a partir de sua declaração, no Seminário 12 (LACAN, 1964-1965), de que o psicanalista é a presença do sofista em nossa época, porém, portando outro estatuto, se tomar que estes sofreram uma expulsão do campo discursivo e essa formulação remete à questão do dizer.

Lacan (1972/2003, p. 448) endereça a um caminho que vai além do enunciado, a partir da presunção da primazia do dizer: “que se diga fica esquecido atrás do que se diz e no que se ouve”. A partir disso, teríamos as línguas como integrais de uma série de equívocos. Assim, reconhece-se que os equívocos intratáveis, o que remete ao indecível, não podem ser pensados a partir da lógica aristotélica. Esses equívocos só podem ser pensados a partir de *lalíngua*, termo cunhado por Lacan em um ato falho: ao invés de fazer referência ao Vocabulário de Psicanálise, refere-se ao Vocabulário de Filosofia *Lalande*. Nesse momento, cunha o termo *lalangue*, acentuando que este não tem nada a ver com a retórica e a dicção do dicionário, pois está relacionado a uma vertente contrária à do dicionário.

*Lalíngua* tem a ver com o inconsciente e sua abordagem pode ocorrer a partir da lógica, ou melhor, Lacan pretendia fazer referência a algo que estava para além da linguagem, mas sem prescindir dela. Pode-se articular que *lalíngua* engendra uma proliferação de sentidos, ou seja, ela expele o sentido. Isso salienta que não há relação sexual para a língua, pois ela é dependente do significante, de sua primazia, e rompe com *Die Bedeutung des Phallus* (a significação do falo), que assume um valor de verdade para o sujeito, fixado pelo princípio de não contradição.

Por exemplo, a ciência moderna, orientada pelo princípio aristotélico, baseia-se em uma perspectiva unívoca representada por uma tentativa de construção de uma verdade absoluta. No entanto, a psicanálise vai de encontro a tal princípio, mesmo que faça uso dele para subvertê-lo – o giro nos discursos é um bom exemplo dessa subversão –, pois a partir da perspectiva lacaniana se tem o aforisma “não há metalinguagem”, o que quer dizer que os discursos são equivalentes e, por conta disso, não existe um discurso que sustente uma única verdade.

Com *lalíngua*, a partir do princípio da inexistência da relação sexual, tem-se uma nova relação com a linguagem e o gozo: uma operação do gozo fora do regime fálico e com outro sujeito colocado em causa. No entanto, uma questão é imposta: que relação há entre *lalíngua* e fala?

*Lalíngua* parece funcionar a partir da separação vocálica, o que se mostra como diferente do discurso patriarcal, de um a partir da função referencial, onde as consoantes têm primazia, colocando em questão a letra, a partir da prevalência da função sonora. Como afirma Cassin (2013, p. 17), “por meio dessa dupla operação de equívoco e de escrita é que ‘O aturdido’ se situa no ab-senso que ele produz”, isto é, na suspensão do sentido, o que guarda relação com a voz e a letra em *lalíngua*, pois, a autora acrescenta: “os símbolos da linguagem animal nunca são equívocos; os da linguagem humana, que há nos sons da voz e, ainda mais perturbador, nas letras (na letra), o são” (ibid., p. 19).

Considerando *lalíngua*, que equivoca o *dois*, mostrando a inexistência da relação sexual pela impossibilidade de fazer de dois, *Um*, de modo que só se pode “fazer dois deles” (LACAN, 1972/2003, p. 493), isto é, entre saber e verdade há um casamento fictício por conta da barreira do gozo, introduzindo o equívoco da linguagem.

Nesse caso, onde está em jogo a letra que bordeja o furo do real, ou seja, do fora do sentido, denotando que a função sonora tem prevalência sobre a função referencial, parece ser possível transpor o muro de linguagem em direção à produção de um sentido novo.

Além disso, desconstrói a noção de ser em detrimento da noção de “pare-ser” ou de semblante, o que denota que o que há são “semblantes sexuais”, como comenta Cevasco (2013), mas que também há um inapreensível e uma inacessibilidade do real do sexo que está fora da linguagem e que remete ao dizer e ao Outro gozo, que Lacan (1972-1973/2008) desenvolveu como o lado mulher em suas fórmulas da sexuação no Seminário 20. Assim, à guisa de conclusão, discute-se o posicionamento a partir da enunciação e do dizer em diálogo com a noção de performatividade.

### **Performatividade e enunciação: possibilidades e impasses**

Lacan propõe desconstruir o binarismo sexual com sua teoria da sexuação, inclusive portando uma incidência política, pois a inexistência da relação sexual torna-se um obstáculo à noção de gênero, a partir do masculino e feminino (CEVASCO, 2013).

A partição sexual diz respeito à relação de cada um com o gozo e com um saber inconsciente que opera êxtimo ao sujeito em função do real da sexualidade – real que a filosofia, a ciência e a política não conseguem dar conta – por isso, a posição sexuada ocorre a partir de uma eleição sexual inconsciente e os significantes “homem” e “mulher” nada falam do arrolamento da sexualidade com o inconsciente, pois há uma referência ao significante fálico, ou seja, uma significação dentro da linguagem, o que denuncia que há relações de poder envolvidas nessa fixação de um valor de verdade.

O inconsciente estruturado como uma linguagem e marcado pelo sexual não escreve, em se tratando do gozo, outro que não seja o gozo fálico, não inscrevendo diferença entre o gozo masculino e o gozo feminino. Nesse sentido, o inconsciente é falocêntrico, o que não significa que a psicanálise seja falocêntrica, como critica Butler. O discurso do inconsciente, que é o discurso do mestre, não é o mesmo do analista que opera com o não todo da linguagem, com o fora do sentido e para além do fálico. De acordo com Cevasco (2013), esse *gozo não todo* não recorre à anatomia, muito menos às identificações, mas à fixação de gozo determinada pela linguagem, afastando-se de uma perspectiva construcionista de gênero, pois não é complementar ao gozo fálico, mas suplementar, de modo a não produzir o *Um* do gozo Outro a partir da contagem de dois sexos.

Assim, a perspectiva de Butler de práticas performativas está referenciada à eleição de semblantes sexuais como uma autofabricação da posição sexuada por meio de identificações relacionadas ao fálico, que nada tem a dizer sobre o encontro com o real em jogo no Outro gozo. Essa teoria da multiplicidade das identidades sexuais, ao desatrelá-las da imposição da matriz heterossexual e considerar uma libido plástica, corre o risco de desconsiderar a eleição inconsciente em jogo na posição sexuada que se abre ao real.

O que Lacan (1972/2003) mostra, tanto em “O aturdido” como em suas articulações acerca do muro de linguagem e suas fórmulas da sexuação, é que é possível romper com a significação – onde está em jogo um modo de gozar fálico – a partir do acesso ao real do sexo, referido ao lado mulher do quadro da sexuação, onde Lacan

situa A Mulher que não existe e S (A) , o Outro barrado, no qual a verdade comparece como acessível apenas por um semi-dizer, o que possibilita desconstruir uma ontologia alicerçada sobre o princípio de não contradição aristotélico, posicionando homens e mulheres diante do Heteros que não é referente à matriz heterossexual, mas ao Heteros do Outro gozo, o fora do sentido.

Contra a ontologia da univocidade do ser haveria a equivocidade do significante ou uma ontologia cuja substância seria a *substância gozante*, por conta da divisão do sujeito e da barreira da castração na linguagem que tem relação, respectivamente, com a falta-a-ser e a falta-a-gozar e que constitui um *ser-para-o-sexo*, como sustenta Cevasco (2013). O ab-senso, nesse caso, ressoa no lugar do ab-sexo a partir da inexistência da proporção sexual.

Retomando o diálogo com Lacan, Cassin (2013) afirma que o autor empreende uma desconstrução da metalinguagem ou de uma ideologia da metalinguagem e da hierarquia discursiva, a qual produz efeitos sociais. Isso anuncia que se torna impossível a reconstrução da palavra por meio da metalinguagem, o que evitaria formas de alienação do sujeito, ou seja, uma fixação em uma única significação fálica e, por conseguinte, em uma única verdade. Assim, o autor reinsere a história da filosofia, a história da ciência e a história da própria psicanálise na história da linguagem.

A discussão apresentada neste artigo remete, fundamentalmente, a uma articulação entre psicanálise, filosofia e linguística, considerando o estatuto da enunciação e do dizer, de modo que possa ser promovida uma reinterpretação do processo fundacionista da ciência, de modo a situar o discurso da ciência em relação aos outros discursos – lembrando que a ciência foi fundada sob a primazia do princípio de não contradição aristotélico – e sustentar o lugar da psicanálise enquanto ciência e sua relação com a verdade, a partir do princípio da inexistência da relação sexual para a linguagem, que rompe com a significação, possibilitando a produção de um novo sentido.

A verdade produz sentidos em seus efeitos e Cassin (2013) sustenta que, abandonando a noção de hermenêutica e valendo-se da proposição de uma proliferação de sentidos, o que comporta uma relação de incerteza, mostra os limites da filosofia e da ciência quanto ao real.

## Referências

- BUTLER, Judith (1990). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- (1993). *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”*. 2. ed. Buenos Aires: Paidós, 2010.
- CASSIN, Barbara. *O efeito sofisticado: sofística, filosofia, retórica, literatura*. São Paulo: Ed. 34, 2005.
- . O ab-senso ou Lacan de A a D. In: BADIOU, A.; CASSIN, B. *Não há relação sexual: duas lições sobre “O aturdido” de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013. p. 9-56.
- CEVASCO, Rithée. Ser-para-el-sexo y la partición de los sexos. In: CEVASCO, Rithée; COJEC, J.; ZUPANCIC, A. *Ser-para-el-sexo: diálogo entre filosofia y psicoanálisis*. Barcelona: S & P, 2013.
- LACAN, Jacques (1956). O seminário sobre “A carta roubada”. In: ———. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 13-66.
- (1958a). A significação do falo. In: ———. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 692-703.
- (1958b). Função e campo da fala e da linguagem. In: ———. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 238-324.
- (1964-1965). *Seminário 12: problemas cruciais para a psicanálise*. Não publicado.
- (1969-1970). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- (1971-1972). *Estou falando com as paredes: conversas na Capela de Sainte-Anne*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.
- (1971-1972). *O Seminário, livro 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.
- VENTURA, Ingrid de Figueiredo (no prelo). Saber, verdade e gozo: o muro de linguagem e a função poética. *Revista Ágora*, Vitória.
- (1972). O aturdido. In: ———. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 448-497.
- (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

*Recebido em 13/6/2015; Aprovado em 10/8/2015.*